O analista de Recursos Humanos Rubens Cieslack: "Muitos chegaram *a* pedir demissão para pagar dívidas"

AULA DE GASTAR MENOS

A Volvo percebeu que o nível de endividamento de seus funcionários começava a afetar a produtividade. Montou um curso para ensinar a passar a tesoura nas dívidas e conter a vontade de consumir

Há quatro anos, a Volvo do Brasil, fábrica de caminhões e chassis de ônibus instalada na Cidade Industrial de Curitiba, percebeu que o nível de endividamento de seus funcionários estava muito alto. A constatação nada satisfatória foi feita pelo setor de recursos humanos da empresa, onde os funcionários buscavam empréstimos para saldar outros empréstimos. O resultado era uma bola ladeira abaixo.

"Muitos chegaram a pedir demissão para quitar dívidas", lembra o analista de Recursos Humanos da Volvo, Rubens Cieslack, há sete anos no cargo. O fator desencadeador das dívidas era, e continua sendo, a facilidade de crédito que, à primeira vista, parece ser a melhor opção para a aquisição de bens.

Frente a este desconforto, a Volvo resolveu investir na saúde financeira de seus funcionários e contratou o consultor externo Samuel Marques para apoiar a ação educativa.

Assim nasceu o Programa de Educação Financeira para Funcionários e Familiares, pelo qual já passaram 500 pessoas. A empresa tem 2 mil funcionários. Os cursos acontecem duas vezes ao ano e estão inseridos no Programa de Qualidade de Vida Volvo, que atua nas áreas de saúde, aposentadoria, alimentação e relacionamentos interepessoais.

O aluno passa por quatro módulos e pode receber o certificado de dívida zero, quando as dívidas estiverem quitadas. "A partir deste momento ele passa a ser considerado investidor. E os que já se graduaram passam a ser voluntários de novas turmas", fala Cieslack.

Entre os temas trabalhados estão consciência da situação familiar, do que se gosta, como cortar dívidas, reserva financeira e honestidade. Cieslack explica que estes valores devem ser sedimentados com transparência e honestidade, porque, caso contrário, não há resultados positivos.

As palestras para os funcionários acontecem em horário de expediente, com a anuência da empresa. Por esta postura, a Volvo é pioneira neste tipo de programa e se tornou referência para as demais. Para os familiares, cônjuges e filhos, as palestras acontecem das 17h às 19 horas.

Os alunos recebem material teórico durante as aulas e preenchem as informações em casa, de forma sigilosa. Com estes dados, o consultor trabalha as respostas coletivamente ou, em casos extremos, de forma individualizada. A Volvo paga as horas extras como parte do plano de recuperação de crédito. "É uma questão de mudança de cultura de comportamento. E estamos tendo avanços importantes que mostram uma nova visão sobre como administrar o salário e como gastá-lo", comemora Cieslack.

Causas - Entre as causas de endividamento está o fato de a sociedade girar em torno do consumo. Ele explica que desde que o programa foi implantado há quatro anos, melhorou muito a saúde financeira dos funcionários da empresa. "O que vemos hoje *é* uma oferta absurda de financeiras que têm como objetivo atingir principalmente idosos e aposentados. A facilidade em muitas prestações maquia o exorbitante juro embutido nas parcelas. Mas os nossos funcionários sabem como e quando gastar", disse.

Até com certo humor, ele lembra que o endividamento hoje é democrático. Em cada classe social há dívidas proporcionais. Do pobre ao rico, a população tem um perfil endividado.

E a família sempre é a grande punida. Quando o tamanho da dívida ultrapassa o valor do salário, a saída é buscar empréstimos que terão parcelas concomitantes com as dívidas já adquiridas. Neste ponto de estrangulamento recorre-se a um novo empréstimo e a história ganha proporções gigantescas. É impossível sair.

A única maneira é cortar drasticamente as despesas: viagens, empregada, jantares. A sociedade de consumo está globalizada e todos gastam.

Nestes quatro anos, o setor de RH identificou situações diferenciadas, como famílias que têm os filhos, e não os pais, como tesoureiros do orçamento. "Vários fizeram o curso e tomaram as rédeas para equilibrar os gastos da casa", comenta.

Para saber o que iria defender, Rubens Cieslack também fez o curso e se sensibilizou. "Ajudou muito nas minhas finanças pessoais e fui tão dedicado que recebi o certificado de dívida zero." Com orgulho, ele fala que o apoio da empresa está sendo fundamental para a reabilitação da honra de muitos funcionários e que nos últimos anos, desde que o curso começou, o ambiente de trabalho se tornou melhor e mais produtivo. ®

REGRAS DE OURO PARA UM SONO TRANQÜILO

- **Pesquisar preços:** escolha a marca e o modelo do bem que você quer e peça para que os vendedores calculem apenas à vista e no mesmo prazo que pretender pagar.
- **Cartão de Crédito:** pagar a fatura integral no vencimento. E tenha apenas um.
- Sempre peça descontos
- **Diminua o consumo** de água, luz e telefone em até 30% apenas com cuidados simples como fechar a torneira enquanto escova os dentes ou reduzir o tempo de banho.
- Para comprar a **casa própria** tenha ao menos 50% do valor do imóvel com entrada. Atenção para os juros não dobrarem o valor do empréstimo.
- Caso ainda não seja possível comprar, **alugue** um imóvel menor e mais barato. Com perseverança poderá comprar a vista um imóvel melhor.
- Os juros do financiamento **do carro zero** são mais baixos, mas a desvalorização do automóvel é elevada.
- Tenha apenas uma **conta bancária**, o que significa o pagamento de apenas uma taxa de manutenção.
- **É melhor** usar o cheque especial ou pedir empréstimo do que parcelar o pagamento do cartão de crédito.

CONSULTOR SAMUEL MARQUES

Montanha-russa financeira

Samuel Marques é formado em Direito, mas há 10 anos transformou a consultoria em finanças pessoais na principal fonte de trabalho. Sua base é São José do Rio Preto, cidade no interior de São Paulo, mas ele percorre todo o país ensinando as pessoas a gastarem menos. Segundo ele, quebrar o mito de que finanças é um assunto difícil e chato.

"O que a Volvo e outras empresas fazem é mudar a cultura do consumo. Caso isso não fosse feito, haveria o caos", diz Marques. "Todo o trabalho tem como objetivo promover uma mudança cultural que privilegie o equilíbrio financeiro, a poupança e os investimentos, inclusive no plano de previdência privada do Grupo Volvo, além de desestimular o endividamento", afirma.

Samuel Marques: Mudar *a* cultura

Nas aulas, ele repassa informações importantes e fundamentadas como o levantamento da Associação Nacional de Executivos em Finanças, Auditoria e Contabilidade (Anefac). De acordo com esta pesquisa, pessoas com renda até R$ l mil gastam, em média, 37% do orçamento com juros (cheque especial, cartão de crédito, carro ou casa financiados e carnes de lojas de eletrodomésticos). "É uma situação impensável e nada sadia", alerta.

Ele enfatiza que o recomendado é não comprometer mais de 20% com dívidas. Para a poupança devem ser guardados pelo menos 10% do orçamento. Os 70% restantes ficam para a alimentação, diversão, educação, transporte, vestuário etc.

Perigos - Segundo Marques, os meses de novembro a março são considerados a "montanha-russa financeira". Nestes meses se intensificam as compras e se concentram os pagamentos de impostos, seguros e matrículas escolares. "E o período mais crítico do ano e o consumidor deve aproveitar o 13° salário para pagar as dívidas. Não existe maior retorno. Enquanto um CDB representa 1% ao mês, a dívida no cartão de crédito pode custar até 13% no mesmo período".

E uma novidade: é melhor pensar no orçamento anual e não mensal. Segundo ele, o mês representa pouco e só ao longo do tempo se pode ter uma noção mais precisa dos ganhos e gastos. "No Brasil estamos acostumados ao planejamento mensal enquanto que em países europeus e mesmo nos Estados Unidos as pessoas se programam para ganhar X durante o ano", fala.

Este modo de pensar faz uma grande diferença, pois . além das despesas mensais fixas como água, luz, aluguel, telefone, mantimentos, há outros gastos que surgem em diferentes épocas do ano.

Fonte: Opet&Mercado, ano 4, n. 8, p. 22-23, I sem. 2007.